



**O LAR CONECTADO EM DISPUTA:
ENTRE A HUMANIZAÇÃO E O CONTROLE ALGORÍTMICO¹**

Samra Fonseca Fontoura²

samra.fontoura@uscsonline.com.br

Liráucio Girardi Júnior³

liraucio.junior@online.uscs.edu.br

Palavras-chave: domesticação plataformizada; assistentes pessoais digitais; opinião pública; comunicação e tecnologia.

¹ A pesquisa foi realizada com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Projeto CNPq 423111.

² Jornalista e mestranda em Tecnologia, Informação e Comunicação- PPGTIC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), e-mail: samra.fontoura@uscsonline.com.br.

³ Professor e pesquisador - PPGTIC e PPGE/ USCS, Doutor, liraucio.junior@online.uscs.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o espaço doméstico tem sido modificado por intensos processos de transformação tecnológica. Se antes a casa era entendida como um local de privacidade e convivência familiar, hoje ela se configura também como um ambiente conectado, com dispositivos inteligentes que operam sob a lógica da plataformização. Entre esses aparelhos, os assistentes pessoais digitais (APDs), exemplificados por Alexa, Siri e Google Assistente, ganharam centralidade por possibilitar interações mediadas pela voz e por se apresentarem como interfaces sensíveis capazes de personalizar rotinas, organizar tarefas e estabelecer vínculos de afeto simbólico com os usuários.

O fenômeno da incorporação desses dispositivos no cotidiano não pode ser reduzido à sua dimensão técnica e, sim, o sentido mais amplo da produção de significados sociais e culturais que acompanham a sua presença no lar. Os assistentes atuam como mediadores culturais, moldando práticas de comunicação, reconfigurando relações familiares e instaurando novas formas de subjetivação baseadas na interação algorítmica. A questão central que se coloca é: como essas tecnologias são narradas, interpretadas e criticadas em espaços públicos de mediação, como o jornalismo especializado?

Trabalhos anteriores já haviam se debruçado sobre a forma como as próprias empresas de tecnologia (Amazon, Apple e Google) apresentam seus dispositivos ao público. Esse percurso foi analisado pela ótica da “domesticação plataformizada”, que descreve como os processos de apropriação cultural das tecnologias se articulam às lógicas de plataformas digitais, baseadas em dataficação, algoritmos e extração de valor (LEMONS; BITENCOURT, 2018). A presente estudo é deslocar o olhar para a esfera jornalística, entendendo que a mídia especializada em tecnologia não apenas noticia, mas interpreta e tensiona esses discursos, oferecendo à opinião pública um contraponto crítico às narrativas corporativas. O estudo relaciona-se a temática do Eixo 4: Comunicação, do V ENGECE.

1.1. Pergunta Problema e Objetivos

A pesquisa apresenta uma tentativa de resposta para a questão problema: *Como o jornalismo especializado representa os assistentes virtuais e quais sentidos são atribuídos a esses dispositivos no contexto da domesticação plataformizada?*

O objetivo geral é compreender os modos de representação construídos pela imprensa sobre os assistentes pessoais virtuais. Entre os objetivos específicos, destacam-se: (1) Analisar como os discursos jornalísticos tensionam narrativas corporativas sobre os

assistentes; (2) Analisar como a imprensa especializada apresenta os assistentes virtuais; (3) Discutir os impactos culturais e comunicacionais dessas narrativas no cotidiano conectado.

1.2 Justificativa

A escolha deste estudo fundamenta-se na relevância de compreender como os assistentes pessoais são representados pelo jornalismo especializado no contexto da plataformização do lar, em consonância com o problema e os objetivos da pesquisa. Esses dispositivos, promovidos por *big techs*, como Amazon, Google e Apple, não apenas desempenham funções utilitárias, mas também reconfiguram práticas cotidianas, vínculos afetivos e formas de subjetividade.

Investigar as representações jornalísticas torna-se essencial porque tais narrativas atuam na produção e disputa de significados em torno dos assistentes, questionando as promessas corporativas de neutralidade, eficiência e conveniência e trazendo à tona tensões relacionadas à coleta de dados, vigilância e lógica algorítmica (ZUBOFF, 2019; BUCHER, 2017).

Nesse sentido, busca evidenciar como a presença desses artefatos no lar revela a articulação entre técnica, mercado e cultura, ressaltando processos que redefinem a comunicação e a opinião pública na vida doméstica contemporânea.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O lar passou a ser progressivamente permeado por tecnologias de comunicação. Como já apontava Raymond Williams (1974), a modernidade introduziu uma contradição central: enquanto se expandiam as infraestruturas públicas de eletricidade, transportes e telecomunicações, crescia também a centralidade da casa como lugar de consumo e experiência cultural. Nesse processo, dispositivos como rádio e televisão foram incorporados às rotinas familiares, acompanhados de discursos que os associavam ao conforto, ao progresso e à construção de identidades sociais (WILLIAMS, 1979; MOORES, 1988).

A partir da década de 1990, a teoria da domesticação das tecnologias ganhou consistência nos Estudos Culturais, especialmente com as contribuições de Silverstone e Haddon (1996), que compreenderam a inserção de artefatos técnicos não apenas como adoção funcional, mas como prática simbólica e social de apropriação. Essa perspectiva permite reconhecer que o consumo é também um espaço de negociação de sentidos e resistências, como destacou Morley (2015).

Com o avanço da digitalização e da convergência midiática no início dos anos 2000, os dispositivos passaram a reunir múltiplas funções em uma única plataforma, transformando o lar

em um ecossistema comunicacional híbrido (MANOVICH, 2001; JENKINS, 2008). Nesse ambiente, as práticas de interação, de consumo e de construção de vínculos foram reorganizadas sob novas lógicas, por algoritmos e processos de dataficação (POELL; NIEBORG; DIJCK, 2020; D'ANDRÉA, 2020).

É nesse contexto que se propõe o conceito de “domesticação plataformizada” (GIRARDI JÚNIOR; FONTOURA, 2022), que articula os estudos de domesticação às transformações trazidas pela plataformização digital. Os assistentes pessoais digitais (Alexa, Siri e Google Assistente) exemplificam essa dinâmica: ao mesmo tempo em que oferecem praticidade e se apresentam como companheiros cotidianos, também atuam como mediadores culturais e agentes de coleta de dados, inscrevendo no espaço doméstico lógicas de vigilância e regulação.

Assim, a base teórica adotada nesta pesquisa fornece os instrumentos necessários para analisar como o jornalismo especializado representa os assistentes virtuais e tensiona os discursos institucionais das big techs. Essa perspectiva é fundamental para compreender os sentidos em disputa sobre o papel desses dispositivos na reconfiguração do cotidiano conectado.

3. METODOLOGIA

Como metodologia, realizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) de reportagens publicadas entre 2017 e 2022 em veículos especializados em tecnologia, como *The Atlantic*, *The Information*, *The Guardian* e *Big Think*, utilizando o software Atlas.ti. A investigação foi orientada pelo Circuito de Cultura (DU GAY et al., 2013), que compreende cinco eixos de análise: *identidade*, *representação*, *produção*, *consumo* e *regulação*, embora esta pesquisa se concentre exclusivamente no eixo da *representação*. A análise foi organizada em três períodos: lançamento dos dispositivos e assistentes (2017–2018), apropriação social (2019–2021) e consolidação no mercado (2022), o que possibilitou observar transformações nos discursos e suas relações com a trajetória desses aparelhos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das 14 reportagens publicadas entre 2017 e 2022 revelou que o jornalismo especializado atua como campo privilegiado de construção simbólica, produzindo representações híbridas dos assistentes pessoais digitais (APDs). O foco, portanto, recai sobre a dimensão de *representação* do Circuito de Cultura (DU GAY et al., 2013), entendida como o espaço onde os sentidos atribuídos aos dispositivos são produzidos, disputados e negociados socialmente.

De um lado, os assistentes são frequentemente retratados como interfaces sensíveis e humanizadas, capazes de dialogar com os usuários, personalizar interações e assumir papéis simbólicos próximos aos de um conselheiro ou companheiro. Essa representação reforça a estratégia discursiva de aproximação afetiva, que não apenas integra os dispositivos à rotina do lar, mas também os vincula à esfera da intimidade e das relações interpessoais.

Por outro lado, os mesmos textos jornalísticos expõem contradições e tensões ao destacar que esses dispositivos funcionam também como instrumentos de monitoramento, envolvidos na coleta de dados pessoais, na vigilância comportamental e na modulação algorítmica de preferências. Nesse sentido, a representação construída pela imprensa desvela a ambivalência da domesticação plataformizada (GIRARDI JÚNIOR; FONTOURA, 2022), marcada pela tensão entre conveniência e controle.

Os dados codificados a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), organizada via Atlas.ti, permitiram identificar recorrências discursivas que reforçam essa dualidade. Entre elas, destacam-se as associações entre humanização (voz amigável, vínculo afetivo, presença quase-humana) e tecnicidade (vigilância, coleta de dados, algoritmos de previsão). Essas duas camadas de sentido aparecem nas reportagens, mostrando como o jornalismo especializado articula os discursos.

Assim, ao problematizar os modos de representação dos assistentes, a imprensa especializada assume um papel de mediação crítica frente às narrativas corporativas. Enquanto estas tendem a naturalizar os dispositivos como tecnologias neutras e desejáveis, o jornalismo evidencia seus impactos sociais, culturais e políticos. Dessa forma, esses dispositivos não são apenas apresentados como ferramentas utilitárias, mas como mediadores culturais, cuja presença no lar conectado atualiza disputas simbólicas em torno de intimidade, poder e subjetividade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que os assistentes virtuais, ao serem representados pela imprensa especializada, não se limitam a sua funcionalidade técnica: tornam-se mediadores culturais que intervêm nas práticas comunicacionais, nos vínculos afetivos e na subjetivação cotidiana.

A noção de domesticação plataformizada permitiu evidenciar como o lar conectado é progressivamente configurado como um ecossistema operado por plataformas digitais, no qual rotinas são convertidas em dados e práticas culturais são reconfiguradas.

Ao responder ao problema de pesquisa, conclui-se que o jornalismo especializado exerce papel essencial na formação da opinião pública ao expor contradições, questionar naturalizações e problematizar os efeitos sociotécnicos dos assistentes.

Assim, este trabalho contribui para o campo da comunicação ao demonstrar que a representação midiática das tecnologias de voz é permeada por disputas simbólicas que envolvem técnica, mercado e subjetividade. A casa conectada emerge, portanto, como território computacional e cultural, onde tecnologias, discursos e afetos se entrelaçam na produção de novas formas de vida social.

REFERÊNCIAS

- ANG, Ien. **Living Room Wars**. London: Routledge, 1996.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOYD, Danah; CRAWFORD, Kate. **Critical Questions for Big Data. Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, p. 662–679, 2012.
- BRAUSE, Saba Rebecca; BLANK, Grant. **Externalized domestication: smart speaker assistants, networks and domestication theory. Information, Communication & Society**, v. 23, n. 5, p. 113, 2020.
- BUCHER, Taina. **The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms. Information, Communication & Society**, v. 20, n. 1, p. 30–44, 2017.
- CHENEY-LIPPOLD, John. **A new Algorithmic Identity – soft biopolitics and the modulation of control. Theory, Culture & Society**, v. 28, n. 6, p. 164–181, 2011.
- COHEN, Suzana A. M. **O Circuito da Cultura como um protocolo metodológico para análise cultural de manifestações de tendências: o estudo de caso da SpaceX. Anglo Saxonica**, v. 19, n. 1, p. 1–17, 2021.
- COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The Mediated Construction of Reality**. Cambridge: Polity Press, 2017.
- D'ANDREA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: Edufba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32043>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- DU GAY, Paul et al. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. 2. ed. London: SAGE Publications, 2013 [1997].
- ESCOSTEGUY, Ana C. **Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 11, p. 115–135, 2007.
- FONTOURA, Samra Fonseca; GIRARDI JÚNIOR, Liráucio. **Inovação, comunicação de interesse público e os novos ambientes plataformizados**. In: Encontro Nacional De Gestão E Comunicação, São Caetano do Sul: USCS, UFCG, 2022.
- GILLESPIE, Tarleton. **The politics of “platforms”**. *New Media & Society*, v. 12, p. 347–364, 2010.
- GIRARDI JÚNIOR, Liráucio. **Midiatização Profunda, Plataformas e Logjects. E-Compós**, v. 24, 2021.

GIRARDI JÚNIOR, Liráucio; FONTOURA, Samra Fonseca. **Nova Onda de Domesticação e a Reconfiguração do Lar como Ambiente Comunicacional Plataformizado: uma hipótese**, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Lucas Zapparoli. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HELMOND, Anne. **A plataformização da web**. In: OMENA, Janna Joceli (org.). Métodos digitais: teoria-prática-crítica. Lisboa: ICNOVA, 2019. p. 49–60.

HESMONDHALGH, David; MEIER, Leslie M. **What the digitalisation of music tells us about capitalism, culture and the power of technology**. *Information, Communication & Society*, v. 21, n. 11, p. 1555–1570, 2018. DOI: 10.1080/1369118X.2017.1340498.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: onde os velhos e os novos meios colidem**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

LEMONS, André; BITENCOURT, Diego. **A sensibilidade performativa da Internet das Coisas**. *Galáxia* (São Paulo), n. 39, p. 163–178, 2018. DOI: 10.1590/1982-2553.2018v39p163.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

MORLEY, David. **Televisão, tecnologia e cultura: uma abordagem contextualizada**. *Parágrafo*, v. 1, n. 3, p. 21–37, 2015.

O'REILLY, Tim. What is Web 2.0: **Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. [S. l.]: O'Reilly Media, 2005. Disponível em: <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em: 4 jun. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David B.; VAN DIJCK, José. **Platforms and cultural production**. Cambridge: Polity Press, 2021.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. **Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação**. *Eco Pós*, v. 18, n. 2, p. 36–50, 2015.

SANTOS, Luíza. **Máquinas Que Falam (e escutam): As Formas de Agência e de Interação das/com As Assistentes Pessoais Digitais**. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric; MORLEY, David. **Information and communication technologies and the moral economy of the household**. In: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (Eds.). **Consuming technologies: Media and information in domestic spaces**. London: Routledge, 1992.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: public values in a connective world**. New York: Oxford University Press, 2018.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.